

# I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

**A especificidade e a totalidade: contribuições do pensamento Mouriano para localizar o sujeito negro na totalidade histórica do capitalismo dependente**

Sessão temática 02 – A quilombagem, grupos específicos e diferenciados.

Cleilton Pazini Santana (UFES)<sup>1</sup>  
*cleopaziny@gmail.com*

**RESUMO:** Considerando a relevância da questão racial no Brasil, a reflexão apresentada tem como objeto a análise da categoria de grupos diferenciados e específicos presente na obra Clóvis Moura. Metodologicamente, baseia-se no materialismo histórico-dialético e revisão bibliográfica. Demonstra-se que é possível abordar a questão racial sem romper com a categoria marxista de totalidade histórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clóvis Moura. Grupos diferenciados e específicos. Totalidade histórica.

## INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

A reflexão proposta busca resgatar a categoria de grupos diferenciados e específicos, presente na obra de Clóvis Moura (1959, 1994, 2019, 2021) a fim de evidenciar e debater como é possível se pensar questões específicas da negritude sem desligar-se de uma reflexão que abrace a categoria de totalidade presente no pensamento marxista. Metodologicamente, portanto, desenvolve-se raciocínio orientado pelo materialismo histórico dialético e, no que tange aos dados apresentados, tem-se revisão bibliográfica com fim de produzir análise qualitativa sobre a realidade da população negra brasileira.

Os debates sobre a questão racial têm ganhado amplitude no contexto das sociedades latino-americanas e caribenhas nas últimas décadas, tendo se pautado principalmente sob três perspectivas: liberal, culturalista/afrocentrada e crítica. Enquanto as perspectivas liberal e a culturalista parecem não oferecer caminhos para uma radicalidade emancipatória, o

<sup>1</sup> Doutorando em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo UFES, com bolsa concedida pela CAPES. Especialista em Direito de Família (Faveni). Bacharel em Direito (FDV). Advogado.



# I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

desenvolvimento de uma perspectiva crítica pode favorecer a construção de caminhos que permitam vislumbrar possibilidades emancipatórias de fato (Souza, 2024; Farias, 2024).

Sob esse ponto de vista, propomos aqui uma discussão que auxilie a localizar as especificidades da questão racial sem abandonar a ideia de totalidade histórica e unir nossa argumentação à perspectiva crítica no sentido de que a questão racial (e o racismo) não é apenas uma questão cultural, mas insere-se no próprio processo histórico de consolidação das economias de capitalismo dependente, como é o caso do Brasil.

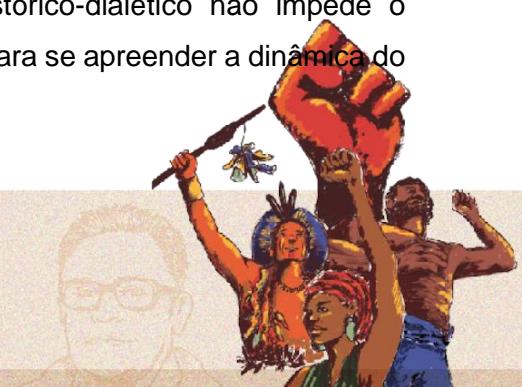
## DESENVOLVIMENTO

A ideia de raças como é concebida na atualidade começa a ser moldada em meados do século XV, em concomitância com o avanço intercontinental de expansões mercantis coloniais (Munanga, 2010; Almeida, 2019; Mbembe, 2022). Com a necessidade de se conseguir mão de obra suficiente para viabilizar uma produção comercial ou comercializada que desse conta de longas distâncias e espaços, em uma nova dinâmica social e econômica que se avultava, a invenção do negro para o trabalho escravizado foi a resposta para essa questão (Mbembe, 2022; Moura, 1959, 2021; Willians, 2012).

Nesse sentido, o surgimento da ideia de uma divisão racial da humanidade não se apresenta apenas como resultado de reconhecimento de diferenças entre umas e outras humanidades, mas como resultado da necessidade de se movimentar uma economia que já então se encontrava em transição para o que mais tarde se tornaria o capitalismo globalizado. Nesse panorama, comprehende-se que a criação do “negro” está vinculada à necessidade de mão de obra em uma sociedade cuja economia estava em expansão e modificação.

Por esse motivo, Mbembe (2022) comprehende que a apropriação da expressão “negro” nas línguas ocidentais deu-se exatamente para significar sinônimo de escravo. Semelhantemente, Moura afirma que “o trabalho passou a ser sinônimo de trabalho escravo e o trabalho escravo passou a ser sinônimo de trabalho executado por negro” (Moura, 2021b, p. 151).

Em sua gênese, portanto, a questão racial surge vinculada a uma divisão social do trabalho. Por isso, no contexto do capitalismo como modo de produção hegemônico, o estudo da questão racial não deve ser apartado de um estudo sobre classes sociais. Destaca-se, sobre esse ponto, que estudar a questão racial sob a luz do materialismo histórico-dialético não impede o reconhecimento de que uma classe pode subdividir-se. Porém, para se apreender a dinâmica do



# I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

racismo numa perspectiva de totalidade é preciso compreender suas determinações complexas e contraditórias em movimento no seio da reprodução capitalista (Souza, 2022).

Clóvis Moura assinala que uma classe pode subdividir-se “em si e para si”, o que se verifica quando determinada classe toma consciência de que só existe no confronto com outra e, assim, reconhece-se como específica, com seus objetivos próprios e independentes (Moura, 2019, p. 140; Santana, Barros, 2024).

Nesse sentido, em uma sociedade de classes há o que Moura (2019) chamará de grupos diferenciados e grupos específicos. A partir de sua obra, podemos compreender essa categoria da seguinte forma, grupo diferenciado refere a uma parcela da população que, por um alguma particularidade, uma marca, é vista pela sociedade competitiva sob uma ótica especial, seja de aceitação ou rejeição. De outro turno, a expressão grupo específico remonta a um outro nível de desenvolvimento ideológico, servindo para referir aos “[...] padrões de comportamento criados pelo próprio grupo diferenciado com base na marca que lhe fora imputada. Ou seja, grupo diferenciado assim o é porque foi designado. De outro lado, um grupo específico assume a diferenciação que lhe foi imposta como ferramenta de articulação social” (Santana, Barros, 2024).

Seguindo essa linha de raciocínio, tem-se que compreender a especificidade da questão racial não significa que esta exista em apartado ou em paralelo à questão social como um todo. Ou seja, destacar para análise a especificidade, não significa necessariamente e de modo algum negar seu elo com a totalidade histórica. Pelo contrário, para se compreender a complexidade da questão racial no Brasil, na verdade, é essencial uma apreensão da própria formação sócio histórica dessa nação, que emerge com o escravismo e culmina em que o país se torne uma economia de capitalismo dependente (Souza, 2024).

Esse movimento de se analisar a especificidade da questão racial sem abandonar uma abordagem que dialogue com a totalidade histórica da formação social brasileira pode ser observado desde o princípio da obra de Moura. Em “Rebeliões da Senzala” (1959), por exemplo, o autor demonstra a partir de sólida pesquisa documental como os negros foram desde sempre elementos dinâmicos nas disputas políticas brasileiras. Longe de ocuparem lugar passivo na história brasileira, eles sempre estiveram implicados na luta por sua própria emancipação e fim do cativeiro. Em vários momentos de sua obra, Clóvis Moura (1959, 2019, 2021) demonstra como grupos específicos negros como as religiões de matrizes africanas e escolas de samba constituíram ao longo da história importantes espaços de mobilização coletiva e dinamização



# I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

social. Por fim, o autor comprehende que o racismo, na verdade, longe de ser um resultado de estranhamentos decorrentes de diferenciações de humanidades, constitui-se como uma ferramenta ideológica de dominação típica dos países de capitalismo dependente e vinculada mesmo a esse próprio modo de produção [capitalista] (Moura, 1994).

O que se percebe é que, apesar de sua obra sempre ter destacado as experiências de negras e negros em diáspora, percebe-se na obra de Moura que essa análise não busca isolar a experiência negra, mas localizá-la de forma dinâmica nas disputas e contradições típicas de uma sociedade de capitalismo dependente e, portanto, demonstrando que é perfeitamente possível se estudar as especificidades que permeiam a questão racial sem abandonar a categoria de totalidade histórica tão importante ao método do materialismo histórico-dialético.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

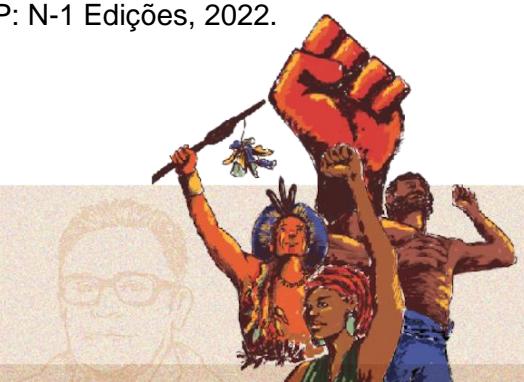
A partir da análise realizada, fica evidente que é possível compreender a questão racial no Brasil sem desvinculá-la da totalidade histórica e social em que está inserida. A mediação a partir da categoria de “grupos diferenciados e específicos”, presente na obra de Clóvis Moura, mostra que as experiências da população negra não podem ser reduzidas a aspectos culturais ou identitários isolados, mas deve-se compreender essa realidade como parte das contradições estruturais de uma sociedade marcada pelo capitalismo dependente. A categoria de grupos diferenciados e específicos, assim, permite pensar a negritude também a partir das possibilidades de resistência e construção de um projeto emancipatório que se articule com a luta de classes. Assim, reforça-se a importância de um olhar crítico para que as análises sobre racismo e desigualdade avancem para além da superfície, alcançando suas raízes históricas e estruturais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

FARIAS, Márcio. Como nasce o novo: estudos sobre relações raciais no Brasil contemporâneo. **Argumentum.** v.16, n.2, p. 22-28. Vitória – ES: maio/ago 2024. Disponível em <<https://x.gd/PqcbFn>> acesso em 07/04/2025.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** 2. ed. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2022.



# I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala:** quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo: Edições Zumbi Ltda, 1959.

\_\_\_\_\_. O racismo como arma ideológica de dominação. **Revista Princípios**, v. 34, p. 28–38, 1994b.

\_\_\_\_\_. **Sociologia do negro brasileiro.** 2<sup>a</sup> edição. São Paulo, SP, Brasil: Perspectiva, 2019 (Palavras negras).

\_\_\_\_\_. **O Negro, de bom escravo a mau cidadão?** 2. ed. São Paulo, SP: Editora Dandara, 2021.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, v. 12, n. Especial-Curso ERER, p. 169–203, 2010. Disponível em: <<https://x.gd/DjKN1>>. Acesso em: 20/04/2025.

SANTANA, Cleilton Pazini; BARROS, Leonardo Patrício de. Contribuição Mouriana para compreensão do papel das comunidades de terreiros de matriz africana na resistência ao colonialismo imperialista. **18º Encontro Nacional de Pesquisadoras e Pesquisadores em Serviço Social** (Anais). Fortaleza – CE: ABEPSS, 2024. Disponível em <<https://x.gd/gp2BF>>. Acesso em 25/04/2025.

SOUZA, Cristiane Luiza Sabino de. Racismo e superexploração: apontamentos sobre a história do trabalho e da classe trabalhadora no Brasil. **Germinal: marxismo e educação em debate**. Salvador, v.14, n.2, p. 33-55, 2022.

\_\_\_\_\_. A disputa em torno do debate racial no Brasil: teoria e método para o avanço da perspectiva crítica. **Argumentum**. v.16, n.2, p. 8-21. Vitória – ES: maio/ago 2024. Disponível em <<https://x.gd/pFZtW>> acesso em 07/04/2025.

Williams, Eric. **Capitalismo e Escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

